



*Cantou bem, Carlos do Carmo, uma canção que, sabíamos-lo, não tinha quaisquer hipóteses europeias. Mas tudo tão tristonho, tão austero, tão antiquado... Até quando (e porquê) confundir sobriedade, gosto, estilo, "savoir-faire", classe, com tristeza, solenidade, rigidez? Não haverá, de facto, um meio-termo desejável, um ovo de Colombo de mãe-galinha portuguesa? A não havê-lo, melhor desistir, por ora*

**Conclusão:** Para 1977, vá de pensar melhor no que deverá ser, para nós, o Eurofestival TV. Ganhamos com a reflexão, estamos certos. Sem orgulhos, nem paixões nem cegueiras. Nós, apenas.

**Ressalva:** Para que não haja dúvidas, menos ainda más interpretações, declaramos: consideramos "Uma Flor de Verde Pinho" uma bela canção (letra e música); consideramos Carlos do Carmo um bom intérprete, que deu quanto pôde na defesa (batida à partida) da jogada que aceitou; consideramos o Eurofestival uma realização supercomercial, em toda a extensão do termo; consideramos que, se a RTP e o júri nacional tivessem considerado esse aspecto, teria sido bem mais útil; consideramos que gastar dinheiro inutilmente, nesta altura, é mesmo uma inutilidade. Consideramos que temos razão. Consideramos que, no próximo ano, tudo poderá e deverá passar-se de forma diferente.

Consideramos que as fotos legendadas desta reportagem bastam ao que o público leitor poderia esperar de dois enviados especiais a Haia, uma semana após a realização do Eurofestival.



*Espectaculares as medidas de segurança que rodeavam este Eurofestival. Enquanto, Haia fora, não se vislumbrava um polícia, eles eram aos magotes nas imediações do Palácio dos Congressos (reforçados, ainda, no dia do espectáculo, por atiradores especiais estrategicamente postados nos telhados dos prédios vizinhos), como à porta e nos corredores do Hotel Atlantic, onde pernoitaram muitas das delegações presentes no certame.*

*Temia-se qualquer acto de violência por parte dos cidadãos das Molucas, não esquecendo, claro está, a possibilidade de um "comando" árabe aproveitar a ocasião para actuar junto da representação israelita. Ninguém estava esquecido, ainda, da trágica ocorrência dos últimos Jogos Olímpicos...*

*Mas não, imperou a calma, o bom senso. Respiraram de alívio os holandeses*



*Mesmo para os que, como nós, estávamos devidamente credenciados para ingressar no Palácio, não falhava o "pente fino" por que passávamos cada vez que o trabalho aí nos conduzia. O mais inocente embrulho de compras, qualquer ramo de flores, era vasculhado ao pormenor pelos agentes de segurança, sem uma falha de atenção. Daí, talvez, o clima de tranquilidade que caracterizou o Festival. Vigilância sem atropelos, sem más disposições, eficientíssima, embora*



*Fotonovela "pirosa" que só ela, a roçar o ridículo de fazer dó, a canção da Itália. Nem as meninas "lá-lá-lá", de proletárias disfarçadas, deram tom mínimo de dignidade à "chachada" que interpretaram. E vá que na noite da apresentação foram poupados alguns movimentos... No ensaio de véspera ainda havia beijar de mãos e, calculem só, um trecho de valsinha dançado pelo casal protagonista. A menina era Romina Power, filha do grande Tyronne, galã dos anos 40-50. Talvez daí o ar que arvorou, em 1976, de pureza casta que só vista. Desastroso*